



DISPLASIA DO OCCIPITAL EM CANINO – RELATO DE CASO

SILVA, Letícia Arrial da¹; MARTINS, Danieli Brolo²;
PIETRO, Alessandra de³; SACCARO, Renata de O⁴.

Palavras-Chave: Síndrome de Arnold-Chiari. Malformação óssea. Raio-x. Cão.

Introdução

A displasia do occipital, é uma alteração dorsal do forame magno, também denominada de malformação congênita do forame magno ou malformação de Arnold-Chiari (CREMASKI et al., 2009), malformação de Chiari ou síndrome de malformação caudal occipital (SMCO) (BORTOLINI et al., 2008; CAGLE, 2010).

A displasia do occipital é uma enfermidade rara (FERREIRA et al., 2008), e muitas vezes assintomática (BARONI et al., 2011). Para Forrest (2010) e Baroni et al. (2011), esta anomalia está relacionada a cães de raças de pequeno porte.

Bortolini et al. (2008) dizem que a causa da SMCO é desconhecida. Já para Ferreira et al. (2008) e Cagle (2010), esta é uma alteração congênita do osso occipital.

Os sinais clínicos podem variar entre dor cervical, hiperestesia cervical, mudanças de comportamento, protrusão da língua, disfagia, distúrbios oculares como cegueira e estrabismo, alteração da pressão intracraniana, síncope, déficit motor, parestesia e alodinia (BORTOLINI et al., 2008; FERREIRA et al., 2008; CREMASKI et al., 2009; BARONI et al., 2011).

Desta forma, o objetivo deste trabalho é relatar um caso de displasia do occipital em um cão. Este relato visa fornecer subsídios para que outros médicos veterinários possam diagnosticar esta doença em pequenos animais, pois a literatura sobre o assunto é escassa.

Metodologia

Um canino, macho, da raça Maltês, 3 meses de idade, chegou ao Hospital Veterinário Dra. Renata Saccaro (HVRS) para atendimento clínico. O proprietário relatou convulsões, sialorreia, fezes esverdeadas e pouco pastosas. O animal encontrava-se consciente, mas letárgico. O histórico incluía uma dose da vacina polivalente.

¹ Médico Veterinário autônomo. Email: leticia_arrial@hotmail.com

² Professora assistente, disciplina de Clínica de Pequenos Animais, Universidade de Cruz Alta, UNICRUZ-RS. Email: vetdanielmartins@yahoo.com.br

³ Médico Veterinário autônomo. Email: alessandrapietro@hotmail.com

⁴ Médico Veterinário autônomo. Email: renata@hospitalveterinariors.com.br



O animal foi colocado na fluidoterapia intravenosa (IV), com solução de cloreto de sódio a 0,9%, sulfato de atropina e diazepam.

Dois dias após a chegada do paciente ao HV, foi coletado sangue para realização de hemograma e realizou-se estudo radiográfico do crânio do paciente, pois havia uma suspeita de alteração congênita no crânio visto que tratava-se de um filhote.

Resultados e Discussões

O hemograma evidenciou a presença de anemia normocítica normocrômica, leucocitose por neutrofilia com desvio a esquerda regenerativo e monocitose. Com o resultado do hemograma, foi administrada a associação dos antibióticos, sulfametoxazol e trimetropim, e o antiinflamatório esteroidal, fosfato dissódico de dexametasona.

No presente relato, a radiografia foi essencial para o diagnóstico da anomalia craniana, demonstrando de forma clara a deformidade óssea. A imagem foi compatível com displasia do occipital (Figura 1).



Figura 1 – Raio-x rostródorsal/caudoventral do crânio indicando malformação do forame magno do paciente (setas).

O cão relatado está entre as raças mais acometidas pela doença, pois pertencia a raça Maltês (cão de pequeno porte). As convulsões e a depressão apresentadas pelo paciente condizem com os sinais clínicos citados pelos autores (BARONI et al., 2011; BORTOLINI et al., 2011). Assim, pode-se observar que esta doença atinge o sistema nervoso, causando distúrbios neurológicos significativos como convulsões, alterações oculares (miose) e mudança no comportamento, o que converge com os sinais apresentados pelo animal relatado.



Para Bernardini et al. (2010), a displasia do occipital pode ser diagnosticada pela radiografia. O forame magno pode ser avaliado através da radiografia rostrrodorsal/caudoventral do crânio (FORREST, 2010).

Esta malformação é caracterizada por um aumento do forame magno que possui um formato anormal, variando sua forma e tamanho (FORREST, 2010; BARONI et al., 2011), esta alteração lembra o formato de uma “pêra” ou de uma “fechadura” (BERNARDINI et al., 2010). Baroni et al. (2011) citam que isto ocorre devido a ossificação incompleta da parte ventromedial do osso supraoccipital.

Baroni et al. (2011) citam que, o tratamento da displasia do occipital ainda é desconhecido pois é de baixa prevalência na medicina veterinária, sendo assim de grande importância o diagnóstico diferencial das doenças que também acometem o sistema nervoso.

O tratamento clínico recomendado por Bortolini et al. (2008), é a utilização dos medicamentos acetazolamida e furosemida para controlar a dor e fazer a redução da produção de líquido céfalo raquidiano, e glicocorticóides, e se o animal tiver convulsões fazer a administração do fenobarbital. O mesmo autor ainda cita a possibilidade do tratamento de cranioplastia para a descompressão do forame magno.

De acordo com o leucograma inflamatório compatível com infecção bacteriana que o animal apresentava, associado com a presença de convulsões, um dos locais de infecção poderia ser o sistema nervoso central. Para tanto, optou-se por realizar antibioticoterapia com um quimioterápico que fosse de amplo espectro de ação, como a associação de sulfonamida e trimetoprima, que também atravessam a barreira hematoencefálica (PAPICH, 2009). É possível que o animal estivesse com alguma outra doença concomitante com a SMCO, não havendo, no entanto, relação entre elas.

Tendo em vista o diagnóstico definitivo de displasia do occipital, foi indicada a eutanásia do paciente, visto que a cranioplastia não é realizada no Brasil.

Conclusão

Conclui-se, desta maneira, que a displasia do occipital é uma doença rara e fácil de ser confundida com outras enfermidades mais comuns na clínica pediátrica de cães. Nesse caso, a radiografia cranial foi fundamental para o diagnóstico de displasia do occipital.



Referências

BARONI, C. O.; PINTO, A. C. B. C. F.; MATERA, J. M.; CHAMONE, C. M. K.; HAYASHI, A. M. Morphology and morphometry of the foramen magnum in Toy Poodle and Yorkshire terrier dogs. São Paulo: **Ciência Rural**, v. 41, 2011, pag. 1239-1244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v41n7/a5911cr4415.pdf>>. Acesso em: 9/03/2012.

BERNARDINI, M.; FERNÁNDEZ, V. L. Anomalias congênitas. In: BERNARDINI, M.; FERNÁNDEZ, V. L. **Neurologia em Cães e Gatos**, São Paulo: MedVet, 2010, Cap. 10, pag. 227-238.

BORTOLINI, C. E.; SCALON, M.; QUADROS, A. M.; DUDA, N. C. B.; VALLE, S. F. **Malformação de Chiari – Like em um canino: relato de caso**. Passo Fundo – RS, 2008. Disponível em: <<http://www.sovergs.com.br/site/38conbravet/resumos/838.pdf>>. Acesso em: 7/03/2012.

CAGLE, L. **Concurrent occipital hypoplasia, occipital dysplasia, syringohydromyelia, and hydrocephalus in a Yorkshire terrier**. Charlottetown – Canadá, 2010. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2905018/pdf/cvj_08_904.pdf?tool=pmcentrez. Acesso em: 22/03/2012.

CREMASKI, M.; OLIVEIRA, E. D.; VIEIRA, C. M.; BARNABÉ, P. A.; EUGÊNIO, F. R.; CIARLINI, L. D. R. P. **Displasia do Occipital em cão: relato de caso**. Araçatuba – SP, 2009. Disponível em: <http://www.fmvz.unesp.br/revista/volumes/vol17_n1_supl/Suplemento_v17_n1_supl_32.pdf>. Acesso em: 10/03/2012.

FERREIRA, L. A.; VALADARES, R. C. **Displasia do Osso Occipital**. Belo Horizonte – MG, 2008. Disponível em: http://www.fead.br/files/IIIJAAVA2009/ANAIS_I_JAAVA_FEAD.pdf. Acesso em: 5/03/2012.

FORREST, L. J. Cavidades craniana e nasal: cães e gatos. In: THRALL, D. E; **Diagnóstico de Radiologia Veterinária**, 5ª Ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, pag. 120.

PAPICH, M. G. **Manual Saunders Terapêutico Veterinário**. 2ª Ed., São Paulo: MedVet, 2009, pag. 774.